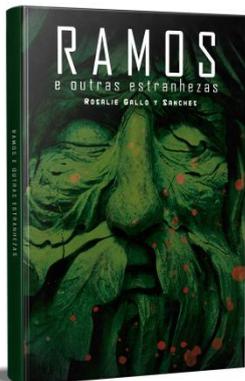


FACES

 Rosalie Gallo y SANCHES¹



¹ E-mail: rgallo1945@gmail.com. Doutora em Teoria Literária pelo Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Dentre a sua vasta produção literária, em 2001, publicou no Brasil e na Itália “A Memória Invisível”, com fotos e textos sobre um cemitério genovês. Dois anos depois, veio o romance juvenil “Eu Vi Onde Termina o Mar”, um dos selecionados na primeira edição do atual Programa Municipal “Nelson Seixas” de Fomento à Produção Cultural. O seu próximo livro de contos, “Ramos e outras estranhezas”, está em fase de pré-lançamento na editora Mentem Abertas: [https://mentemabertas.minhalojuol.com.br/produto/329694/ramos-e-outras-estranhezas-\[contos\]](https://mentemabertas.minhalojuol.com.br/produto/329694/ramos-e-outras-estranhezas-[contos])

Recebido em: 21/12/2020

Aprovado em: 29/01/2021



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

“Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?”

Cecília Meireles

A manhã despontava. De novo. O mesmo sol, a mesma casa, o mesmo quarto, a mesma cama, a mesma solidão. Só ela estava diferente. Era como se durante a noite tivesse estado em reunião familiar, muito sigilosa, ou se alguém lhe tivesse dito muitas coisas, em momentos durante os quais tivesse conversado sobre a vida que levava até então ou sobre as ações que deveria praticar.

Sem reconhecer direito todos os fios desse emaranhado de sensações, Ella primeiro tentou se lembrar do que se passara na noite que acabava de acabar. Em vão. Total vão. Um branco apenas recheado de leves sensações, de necessidades inexplicáveis, de uma cor indecifrável e de sentido indizível. Por mais que tentasse se concentrar e descobrir o que houvera, tudo lhe escapava. Então resolveu se ocupar de procurar outra coisa, em outro lugar.

Meses antes se lembrara de talheres de prata que havia ganho em seu casamento e não se preocupara em localizá-los em algum caixote ainda fechado que permanecia à espera, na nova casa. Decidiu, então, nesse dia, tentar achá-los. Era um trabalho braçal meio pesado para sua idade, beirando os 80 anos, mas podia contar com ajuda alheia do jardineiro e de seus ajudantes, homens fortes, para descer das altas prateleiras da despensa as caixas guardadas desde que viera morar na casa que fizera construir de acordo com seu gosto e sua proposta de ali viver até quando pudesse, para não dizer até quando chegasse sua hora de morrer.

Eram quatro, as tais caixas que resolvera abrir para vasculhar.

Abriu a primeira e sorriu. Eram louças esparsas, itens restantes de algum conjunto de que algumas peças, ao longo tempo, haviam se quebrado, restando à mão algo completamente sem razão de ser guardado e que, com certeza, teria ajudado alguém a tomar um café ou uma sopa ou servir uma água em jarra jamais comprada. Embrulhou outra vez e decidiu doar para alguma entidade de assistência social já contente de uma futura boa ação.

“ – Talvez tenha sido por isso que acordei assim estranha, hoje. Preciso me desvencilhar de tantas coisas em excesso, sabedora de que há tantas pessoas a quem esses objetos fariam melhor bem!”, pensou. E se sentiu melhor.

Havia, entretanto, mais três caixas grandes e pesadas. E como agora estavam ao alcance de sua supervisão, abriu a segunda.

Seus olhos marejaram de saudade. Quase uma centena de panos de pratos com bicos de crochê que sua mãe havia feito enquanto morava em sua antiga casa, logo depois da morte de seu pai. Cada pedaço de tecido vinha ornado com cor diferente, com trabalhos diferentes, mas com o mesmo capricho que reconhecia das mãos maternas tão diligentes. Estendeu cada pano com todo o carinho sem se importar com as máculas que o tempo deixa e observando-os, abertos, expostos, feridas sem cicatrizar, chegou a rever cenas de quando sua mãe trabalhara em alguns deles. Pensava nela quando orava e aquela presença inesperada a fez, naquele exato momento, pensar no que fazer com tantos panos de prato. Começou a separá-los e percebeu que poderia formar quatro pequenos grupos.

“ – Talvez seja essa a razão desta noite!”, pensou pela segunda vez, refazendo o pensamento anterior.

E, reservando os montes, destinou cada um a uma pessoa de seu afeto que saberia reconhecer o trabalho daquela mulher valorosa que tinha sido sua mãe. Embalou cada conjunto em um plástico e dentro dele, um pedaço de papel com os nomes: Manuela, Luísa, Maria Paula e Bete. Sua filha, suas duas netas e sua fiel funcionária saberiam reconhecer nos panos de prato o valor afetivo que eles carregavam. Sorriu satisfeita, acreditando que tinha achado o real motivo de sua manhã.

Parou o trabalho para almoçar. Agora sozinha, tinha tarefas domésticas às quais tinha se desacostumado com a fidelidade de Bete nos últimos vinte e cinco anos. Chegara até a brincar com ela, quando a justa aposentadoria lhe fora oficialmente concedida, que deveriam fazer uma festa de bodas de prata.

Retomou o trabalho das caixas por volta das duas da tarde. Abriu a terceira caixa. Por fora, escrito “Escola”. Por dentro, cadernos escolares de sua filha, agora passada dos quarenta. Folhas e mais folhas soltas com desenhos e legendas que a fizeram chorar. Cadernos, muitos. Folheou todos, devagar, acariciou as capas que havia feito há tantos anos e acabou rindo de alguns desenhos que pedira à filha, ainda criança, fazer como abertura. Em um dos cadernos, metade de um passarinho entrava na página pela esquerda, afoito em aprender; em outro, essa metade saía da página, pela direita, deixando à mostra apenas o rabo no ar, escapando para a vida! A letra da iniciante menina que tinha o futuro para desvendar e viver já era segura. Guardou de novo, cadernos, folhas, emoções e saudade. Decidiu que a caixa continuaria em sua casa. Um dia, quando alguém fosse organizar seus pertences deixados, descobriria carinhos multiplicados. E antes de selar a caixa, colocou nela uma carta de amor à filha para ser lida à distância, coisa que a morte exige. E repensou já com saudade antecipada o que havia pensado antes:

“ – Este é o verdadeiro motivo pelo qual acordei assim, hoje. Uma carta de amor para ser descoberta depois que eu me for...”

A última caixa não tinha nenhuma indicação externa do que fosse. Prevendo seu último trabalho para o dia, animou-se. Cortou a fita adesiva larga que protegia as dobras de papelão e abriu a caixa sem grande expectativa. Desdobrou a primeira aba, a segunda e não pôde conter o choro.

Reconheceu imediatamente uma antiga caixa de camisa, encapada com papel decorado onde estavam suas cartas a um antigo amor. A caixa lhe tinha sido devolvida há muitos e tantos anos, que nem se lembrava mais. Veio à lembrança apenas o dissabor de abrir aquela caixa, àquela época e à frente do antigo noivo, e encontrar um pacote estranho destinado ao homem que sempre amara. Abriu e descobriu o passado dele. Uma outra mulher lhe escrevera cartas de amor. Assim como ela. Ao mesmo tempo. Lembrou-se com amargor da reação dele, quase impassível e de sua justificativa instantânea:

“ – Não quero mais esconder nada de você.”

Ela ouvira, sentira e soubera que não era verdade. Engolira, mais uma vez, o brio de que era forjada e o aceitara em sua vida sem discutir e sem perceber que eram migalhas de afeto.

Depois de lidas todas as cartas alheias, na solidão de sua dor, pedira à funcionária que pegasse as cartas alheias, e as queimasse. Engano doloroso. Mesmo sabendo-as queimadas, mesmo vendo ao longe Bete queimá-las, nunca as esqueceu. Releu-as em memória muitas vezes. Sofreu-as muitas vezes até que outras e novas dores as substituíssem. Pensava, até aquele instante, que tivesse se esquecido do incidente e

eis que vem à tona, inesperada, aquela lembrança. Estranhamente agora não lhe doía mais. Estava finalmente liberta daquele passado incômodo de tristezas, de sentimento de rejeição, da descoberta de não ser a mulher única, a amada para a eternidade, saída das páginas de algum folhetim do século XIX.

Olhou com relativa indiferença suas próprias cartas amarradas com um prosaico barbante (coisa de homem) e vasculhou toda a caixa. Sem ler, abriu cada uma à procura de algo que certamente pouparia porque acreditava existirem preciosos documentos de época pontuando que, em tanto tempo de namoro, não tinha uma foto sequer deles dois juntos. Reservou as fotos e papéis importantes, documentos e cópias. Empacotou itens diversos, esparsos que estavam na caixa, para doação (alguém vai se beneficiar, com certeza!), e os acondicionou em um pacote muito menor para decidir mais tarde como fazer chegar a ele o que lhe seria de valor. Havia documentos e objetos que pretendia não manter para si, apesar do afeto que a prendia a cada um. Mentalmente fez as doações do que tinha espalhado: um pouco para um sobrinho, um pouco para o genro, um pouco para o filho de Bete e o que tocava, particularmente, para o fogo no fundo do quintal, à exceção do lindo jogo de dominó de madrepérola que sequer chegara a ser usado.

Armou-se de uma caixa de fósforos e escolheu um trecho da canaleta que servia à água da chuva, na lateral de um muro. Nem precisou de álcool: a velhice se desfaz logo. Ficou ali primeiro observando as chamas apagarem as letras dos envelopes que se retorciam em mudos gritos de libertação. Porque - como se sabe - a libertação dói na alma. Às vezes, remexia o monturo a que seus mais de cinquenta anos de fidelidade e amor estavam se reduzindo e parava para observar como as chamas se faziam mais altas e mais fortes e mais coloridas. Viu então seu próprio passado se apagar no negrume do papel carbonizado, fumegante e depois frio, desfeito em pó que o vento carregava pelo ar, levado para o vazio, em direção ao nada.

Ella ficou ali até que tudo desaparecesse. E para evitar que o vento sujasse com suas memórias apagadas outros campos e outras casas, ligou a água de uma das mangueiras do extenso jardim que rodeava a casa e a fez jorrar sobre as cinzas restantes, esperando sem tristeza e até o fim que escoasse canaleta afora seu sentimento passado, exorcizado.

Foi então que ouviu dentro de si uma nítida voz conhecida que a fez rememorar a reunião que havia acontecido na noite passada com sua mãe:

“ – Não vale a pena segurar a ponta do fio do passado e se prender ao que se foi, quando se tem o horizonte para onde se dirigir.”

Parou. Sorriu. Descobriu, por fim, naquele exato instante, porque tinha acordado diferente naquela manhã.

Olhou a água ainda escorrendo. A canaleta limpa. Fechou a torneira. Virou-se e voltou para dentro de casa onde a esperava o tricô que fazia há muitos anos para agasalhar pezinhos de recém-nascidos de outras mães e nunca ninados por ela.

FIM